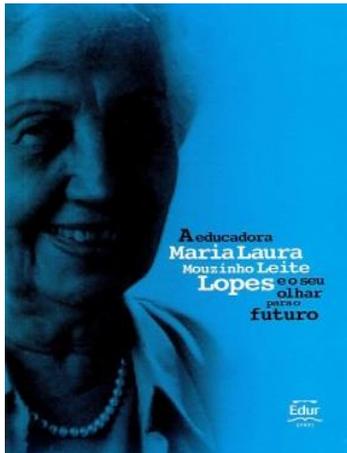

Resenha



PEREIRA, P. C. A. **A educadora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes o seu olhar para o futuro**. Seropédica, RJ: Edur, 2013.

Por Cesar Roberto Marconi da Costa
Universidade Santa Úrsula (USU).
Email: crmarconi@hotmail.com

“Esquecemo-nos de que uma sala de aula tem crianças reais, com necessidades reais, que esperam dos professores que lhes desvendem as maravilhas do mundo, que jamais perguntarão se alguma coisa é útil, desde que seja interessante. Nossa civilização materialista nos levou ao ponto em que o que temos é muito mais importante do que o que fazemos.” (Dienes, 1974)

O 1º capítulo, autor chama de “pórtico”, é a introdução à sua obra. Esta introdução é dividida em duas seções: “Pressupostos iniciais” e “O que fazemos sob o olhar da História”. Na primeira seção é construída uma linha do tempo acompanhando de forma sucinta o desenvolvimento da vida da homenageada desde o seu nascimento até 2013. O pesquisador discorre também sobre a metodologia que utilizou na elaboração do seu trabalho, pesquisando documentos que pertencem à história da Educação Matemática no Brasil e realizando entrevistas com pessoas que participaram dessa história, que se confunde com a história de vida da professora Maria Laura. Como a Educação Matemática no Brasil é relativamente recente, a bibliografia disponível é ainda pequena. A obra destaca a contribuição de diversos matemáticos que ao longo do tempo estavam preocupados com o processo ensino-aprendizagem da matemática, não existia ainda, de maneira formal, uma preocupação com a Educação Matemática. No entanto, trabalhos de Malba Tahan, Manoel Jairo Bezerra, entre outros, acenavam para uma visão crítica e inovadora sobre o ensino da matemática.

Na segunda seção o autor faz um mergulho na História do Brasil do século XX, destacando que o aparecimento da Educação Matemática e a atuação da professora Maria Laura estavam associados a um contexto político-social. Pereira, de maneira competente coloca a história do Brasil

como pano de fundo da história da professora Maria Laura e, em outras passagens, coloca a história de Maria Laura como cenário da história do Brasil.

No 2º capítulo, “Um passeio pelo tempo”, o autor acompanha do nascimento de Maria Laura em Timbaúba, Ceará, até 2013. É relatado o despertar da homenageada para a matemática e destacada sua atuação no magistério desde a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) até o Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IMUFRJ), incluindo sua participação no ensino da matemática em escolas da rede estadual de ensino.. A transformação sofrida pela FNFfi permite a criação do IMUFRJ onde são incorporados matemáticos de importância relevante, dentre eles, Otto Nogueira, José Abdelhay e, posteriormente, Leopoldo Nachbin, este durante muito tempo o matemático brasileiro de maior destaque internacional.

O 3º capítulo, “Maria Laura e a Educação Matemática no Brasil: suas contribuições”, dividido em algumas seções, traz um relato da atuação de Maria Laura como professora e pesquisadora até a interrupção de seus trabalhos em 1969. Ela e seu marido, José Leite Lopes, são punidos pela ditadura militar.

*“Só quem soube de sombra entende de luz.”
(Tayguara)*

A professora Maria Laura, atingida pelo AI 5, deixou o Brasil em 1969 e, após breve passagem pelos Estados Unidos, estabeleceu-se na França. O autor aponta o depoimento de sua filha Ângela: “Durante esses anos de exílio, minha mãe mudou completamente a rotina dela, mas, nossa vida tão diferente em tantos aspectos da vida que levávamos no Brasil que o fato da minha mãe não ter uma vida profissional tão ativa não chegou a deixar uma impressão especial em mim. Certamente porque ela continuava sendo uma pessoa extremamente ativa e inserida na vida intelectual e científica” (p. 88).

Apesar de todas as dificuldades evidentes para uma pessoa exilada, Maria Laura teve uma oportunidade que mudou a sua vida.

“É em Estrasburgo, no Insitut de Rechercesurl’Enseignement dês Mathématiques (IREM), que a professora tem sua iniciação em estudos direcionados à formação continuada de professores e ao desenvolvimento de pesquisa na área de Didática da Matemática, como é chamada, na França, a Educação Matemática” (p. 86).

O autor também destaca: “Em 1974 com seu retorno ao Brasil e totalmente entusiasmada a professora Maria Laura passou a atuar ativamente como defensora de causa inovadoras ligadas à formação continuada de professores, ao ensino e aprendizagem da matemática em todos os níveis de escolaridade, Portanto, desde a sua volta vem assumindo um dos papeis de liderança na área de Educação Matemática no Brasil” (p. 96). “A professora Maria Laura somente em Maio de 1980 foi

reintegrada ao Instituto de Matemática da UFRJ quando era seu diretor o professor Aníbal Parracho Sant'anna” (p. 104).

O capítulo também enfoca fatos relevantes: a criação do GEPEM (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática) e da SBEM (Sociedade Brasileira de Educação Matemática), instituições que dedicam seu trabalho à formação continuada do professor. Essa preocupação é destacada por vários autores: “A ausência, nos professores, de um sólido conhecimento teórico leva-os a dirigir a tarefa escolar (de resolução de situações problemáticas) de forma rotineira, cujo único objetivo é chegar à solução esperada” (HUET; BRAVO, 2006). O autor destaca sua participação na pesquisa “Formação dos Formadores de Professores” (p. 130), tentando compreender o fenômeno da carência apontada, no ensino da matemática, na formação de professores do 1º segmento do ensino fundamental.

Com a mesma intensidade, mas evidentemente com menos brilho, o Projeto Fundão-Matemática continua, mesmo após a morte da professora Maria Laura. Destaca-se o trabalho apaixonado das professoras Lúcia Tinoco e Lilian Nasser que, a exemplo da professora Maria Laura, continuam à frente do projeto mesmo após a aposentadoria.

Considerações finais

“Felizes os que sonham, alimentarão a esperança de muitos e correrão o doce risco de verem seus sonhos realizados.” (Dom Helder Câmara)

O autor destaca uma declaração da professora Lúcia Tinoco: “Depois de 25 anos de Projeto, ela continua com a mesma garra, com o mesmo olhar para frente, até critica a gente por ser amarrado e tal. Enfim, em todo o grupo tem quem sonha e quem põe o pé na terra. Maria Laura é mais de sonhar” (p. 139).

A obra de Pedro Carlos Pereira é oportuna, pois lança uma luz sobre a formação da Educação Matemática no Brasil destacando a contribuição nesta área, dada pela professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes. Alguém que, ao longo de sua vida, teve sua atenção voltada ao ensino da matemática, preocupação que não se apagou ao longo do tempo, que colocou seu coração e seus sonhos à frente de tudo. Nós professores de matemática muito devemos à sua contribuição.

O material é rico em documentos (inclusive o famigerado AI 5) e fotografias que emolduram a história da professora Maria Laura.

Uma reflexão e contribuição pessoal a partir da obra resenhada

No ano de 1969 ingressei no Instituto de Matemática da UFRJ. Anos conturbados sob a influência do AI5, que transformou a Ilha do Fundão num verdadeiro caldeirão. O curso de Matemática previa

oferecer, no 1º semestre, as disciplinas Cálculo I, Álgebra I, Física I e Geometria Analítica. Certamente por injunções políticas, o Instituto de Física não nos ofereceu a disciplina de Física e os 120 alunos oriundos do vestibular se amontoavam no anfiteatro do bloco B para assistir às aulas das três outras matérias. Constantemente as aulas eram interrompidas, pois dividíamos o espaço acadêmico com policiais militares que vasculhavam a ilha em busca de alunos “subversivos”.

O professor de Cálculo I era o Maurício Matos Peixoto, a professora de Álgebra (chamada de “Álgebra Moderna”) era a Eliana Rocha Henriques Brito e a professora de Geometria Analítica era a Maria Laura. Com dois meses e meio de aula, logo após a 1ª avaliação, perdemos o professor Maurício e a professora Maria Laura. Eles foram cassados pela ditadura. Algumas semanas sem aula até que eles fossem substituídos. As aulas seguiram até o fim do ano com os atropelos de praxe, para aqueles tempos.

Na década de 1980 eu era professor da rede municipal e exercia a função de PATE de Matemática do 6º DEC (atual 3ª CRE). PATE significa Professor de Apoio Técnico Específico, (esse cargo já não existe mais) uma espécie de coordenador de Matemática naquela microrregião escolar. Tomei conhecimento de reunião promovida pelo Projeto Fundação Matemática (PF MAT) num determinado fim de semana. Divulguei o encontro para que outros professores tomassem conhecimento. Seriam discutidos assuntos sobre os processos de ensino-aprendizagem em Matemática: era o espectro da Educação Matemática sendo apresentado para a maioria dos professores.

Naquele sábado ensolarado me encaminhei até o Bloco C (Instituto de Matemática) onde se daria a reunião. No corredor encontrei a professora Maria Laura. Caminhei em sua direção, não a via desde 1969, para uma saudação. Ela depositou em mim aquele doce olhar. Apontou em minha direção e disse:

- Você foi meu aluno!

Ela olhava para o futuro, mas não esquecia o passado.

Mudei também um velho hábito de frequentar o Instituto de Matemática duas vezes por ano. As visitas guardavam alguns objetivos bem definidos: reencontrar velhos amigos, consultar a biblioteca e buscar novas publicações em Matemática. Após o encontro com a professora Maria Laura as visitas passaram a ser mais amiúde. Uma vez por mês, às quartas feiras, que era o dia que a professora Maria Laura, mesmo depois de aposentada, comparecia ao Instituto de Matemática.

No início deste século assumi a coordenação do curso de Matemática da Universidade Gama Filho. Promovi anualmente a “Semana de Matemática da Universidade Gama Filho”. Além de palestras, minicursos, seminários e oficinas, homenageávamos quatro professores de Matemática. Na 1ª edição foram homenageados o professor Luiz Aduino Justa Medeiros, o

professor Elon Lages Lima, o professor Augusto Cesar de Oliveira Morgado (pós morte) e a professora Maria Laura.

A professora Maria Laura foi e é minha professora.

Maria Laura faleceu no Rio de Janeiro em 20 de Junho de 2013,

Lendo a obra de Pedro Carlos Pereira fiz uma viagem no tempo. Reencontrei, no texto, vários professores e amigos que contribuíram com a minha formação: Prof. Radiwal foi coordenador de graduação do IMUFRJ, o professor Aníbal Parracho Sant'anna que participou da reintegração da professora Maria Laura ao IMUFRJ e foi quem a substituiu em 1969 (foi meu professor), Leopoldo Nachbin (assisti sua defesa no concurso de Livre Docente), Lilian Nasser foi colega de turma, assim como Lúcia Maria Aversa Villela (Lucinha), que além de amiga de Universidade, festas, teatro, cinema ensinou-me a fazer uma deliciosa farofa de ovos.

Na página 125 um trecho dos Anais do Projeto Fundão faz uma referência ao professor Milton Flores. Conheci Milton quando ele era professor substituto de Álgebra no curso Pré-Vestibular COS que era uma referência na década de 1960 para candidatos à cursos de Engenharia. Posteriormente, em 1969, quando ingressei no IMUFRJ, encontrei novamente com ele, uma vez que Milton era presidente do DAIM (Diretório Acadêmico do Instituto de Matemática). Durante a ditadura foi preso e torturado, viveu na clandestinidade e só retornou ao Fundão em 1972, para concluir seu curso. Cursei algumas disciplinas com ele, que demonstrava sua excelência como aluno e amigo. Era chamado carinhosamente de “Miltão” e tratava-me como “Bicho”.

Não quero sobrecarregar meu depoimento com memórias que para mim não são vazias, no entanto, como dizem que “recordar é viver”, quero agradecer ao professor Pedro Carlos Pereira a oportunidade de viver mais um pouquinho.

Bibliografia

DIENES, Z. P. **Aprendizado moderno da matemática**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

DIAS, M. **Tendências em educação matemática: percursos curriculares brasileiros e paraguaios**. Curitiba: Appris, 2016.

KULH, V. S.; ANASTACIO, M. Q. A. **Filosofia da educação matemática**. São Paulo: Centauro, 2009.

HUETE, J. C. S.; BRAVO, J. A. F. **O ensino da matemática: fundamentos teóricos e bases psicopedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DANTE, L. R. **Didática da resolução de problemas de matemática**. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

ROSA NETO, E. **Didática da matemática**. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

BICUDO, M. A. V. **Filosofia da educação matemática: fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

KAMII, C.; CLARK, G. **Reinventando a aritmética**: implicações da teoria de Piaget. Campinas, SP: Papirus, 1988.

PANIZZA, M. **Ensinar matemática na educação infantil e nas séries iniciais**: análise e propostas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Submetido em janeiro de 2017

Aprovado em março de 2017